

VOZ DE GUIMARÃES

Semanario Regionalista

ADMINISTRAÇÃO E IMPRESSÃO:

Tipografia do «Diario do Minho»

ADMINISTRADOR E EDITOR:

Luiz Gonzaga Pereira

Rua da Republica

GUIMARÃES

DIRECTOR:
Arthur Bivar
REDACÇÃO:
Rua da Republica
Casa N.º 14, Alvarães Guimarães
PROPRIETARIO:
MINHO, GRAFICO.

A INDEPENDENCIA DO «DIARIO DO MINHO»

O «Diario do Minho» em torno do qual se fundou a «União Regional da Imprensa» a que pertence o nosso jornal, publicou este artigo:

O «Diario do Minho» nunca foi atacado por ninguém. Atacado defende-se. Quando o ataque vem donde não devia esperá-lo, não se defende como pode, porque podia empregar armas bem mais poderosas, que ficaram no arsenal, para casos extremos se forem precisas. Nesses casos defende-se como entende que o deve fazer e na medida justa do necessario, do estritamente indispensavel.

Mostraram-nos um numero do «Correio da Manhã», em que numa correspondencia de Braga se diz que a attitudão do «Diario do Minho» foi mentirosa e incorrecta, pois afirmou que nas eleições tudo correu normalmente. Que é um jornal católico, mais a soldo do sr. Ferreira Capa. Que depois, em face da attitudão de assignantes e acionistas procurou emendar a mão.

Por outro lado, o sr. Padre Luiz Caldas, director dos «Ecos de Guimarães» afirmou que duvidava dos meus sentimentos monarchicos, tendo-lhe prometido a minha resposta. Englobo, pois, nessa resposta o «Correio da Manhã» e os «Ecos de Guimarães» (de que não vi, mas vou pedir, o 3.º numero), o sr. Padre Caldas e o sr. Anibal Soares, seus respectivos directores.

Pretendeu-se antes das eleições arrastar o «Diario do Minho» para o campo da luta partidaria. Resistimos, e resistiremos sempre, seja quem for que sirva de intermediario para essas tentativas de soborno.

Noticiario de reuniões electorales damo-lo e dal-o-hemos, sempre que nos seja enviado pelas vias competentes. Noticias, tendenciosas, ou notas officiosas sem a respectiva chanceia não publicaremos nenhuma.

Orientação do eleitorado no cumprimento dos seus deveres só uma damos: clamamos aos catholicos que se unam e votem, a fim de todas as conveniencias secundarias, nos homens que se apresentem com o programa católico como base e razão de ser primária da sua candidatura.

Fora disto escusam de pensar em servir-se do «Diario do Minho» seja para o que for, e qualquer que seja o intermediario de que se servirem.

Capitulo segundo: este jornal não está a soldo do sr. Ferreira Capa, nem de ninguém. Este senhor, como outros, bem poucos, republicanos e monarchicos, tem prestado á Empresa do «Diario do Minho» alguns favores, que publicamente reconheci, e cuja historia pormenorizada sairá um dia, para vergonha de quem a devia ter já. Mas no dia em que o sr. Ferreira Capa, ou alguém tentasse sequer torcer a linha de conductão do «Diario do Minho» receberia como o maior desassombro a mais intransigente recusa. O sr. Ferreira Capa sabe-o, e é precisamente porque ele, no meio desta sociedade em que fermenta a decomposição de tantos caracteres, viu a deste lado da barreira que nos separa um caracter impoluto, que ele, como outros republicanos, vieram colocar-se ao meu lado para me ajudarem a levar a cabo, na epoca por que se podia imaginar para tal empreendimento, a criação de um «Diario» absolutamente livre de miseraveis cabalas de politica, unicamente destinado á informaçãõ imparcial, á instrucção do povo e ao despertar das energias regionaes sopitadas por ventena annos de baixa politica.

Bem haja e bem hajam os monarchicos esclarecidos que compreendem, que assim como podem viajar no mesmo carro electrico monarchicos e republicanos, tambem podem ter um jornal independente uns e outros. Aos outros, aos que querem a verdade inteira para os desmandos dos seus adversarios e a capa da misericordia para os seus, a estes e esses é que são os *capas* de

as suas portas, se fosse por esse motivo.

O «Diario do Minho», para viver, hoje, não precisa do favor desses 3 cavalheiros, nem de tres ou quatro duzias de faciosos que julgam a nossa conducta pela que teriam se estivesse a seu cargo a direcção de um jornal como o nosso, neste meio e nesta epoca.

E duma vez para sempre devo declarar que desafio seja quem for a que venha dizer se já pedi a alguém que me assignasse o jornal! A ninguém! Não pedi, nem peço. Porisso que ha 10 mezes dispensei nesta obra dia e noite todas as minhas energias, tendo estancado voluntariamente todas as minhas fontes de receita não só não ganhando aqui nem um centavo republicano, nem real monarchico, de assignantes e accionistas, lucto e luctarei por sustentar o jornal independente, e no dia em que tivesse de me retirar, lá está o ajuste de contas para me fazer entregar orgulhosamente a meus filhos a Historia documentada destes 10 mezes.

Repito ao sr. Soares o que já mais duma vez disse. Monarchico sou e monarchico hei de ser sempre, emquanto não puder ser republicano em Portugal. Isso disse no meu livro *Deus aderit* e nunca mudei bandeira. Mas: quando os cobardissimos monarchicos de 1908, que não reaparecem — *ojo, que asan carnê!* — se escondiam depois da Tragedia do Terreiro do Paço, houve um rapaz que aqui em Braga me levou uma roupa na mala e foi, poucos dias depois do atentado, fazer no Portugal a memoravel campanha em defeza do fronto, campanha que lhe valeu ser chamado ao Paço, com o falecido Padre Matos, para receber de D. Manuel II agradecimentos directos por aquelle desassombro. Foi a primeira vez que pisei as alcáttas do paço regio.

Primeira e ultima.

Ao que não estou disposto é a mais aventuras a que até jornaes monarchicos chamam *disparatios*, como se lê com todas as letras nos *Ecos de Guimarães* do sr. Padre Caldas.

Lembro tambem isto, e as minhas prisões e o meu exilio, ao sr. Padre Luiz Caldas; e já que o sr. padre, recorde tambem o que Nosso Senhor disse: ás turbas depois de lhes dar a comer os pães, e que D. Manuel II pode applicar a muitos dos taes monarchicos cobardes de 1908 que hoje reaparecem: *Queritis me quia manducastis ex panibus et saturati estis*: em portuguez: *queris-me lá, porque comestes dos meus pães e fostes saturados* — e ha 11 annos que não comeis.

Ora pois, aos senhores assignantes e accionistas, a quem agradeço que o «Diario» quando atacado, se defenda; lembro-lhes que o guarda-livros da Empresa já fechou o balanço até 31 de dezembro, vai ser impresso o relatório e contas, e convocada para breve a assembleia geral como manda a lei. E lá que os eu espero e no entanto vou despezando as murmurações pelos cafés onde se não restaura a monarchia e se derancam os caracteres.

Se vier novo ataque irei buscar outras armas ao meu arsenal.

ARTHUR BIVAR.

Contas do Albergue

Pede-nos a comissão da CEIA DE NATAL AOS POBRES PASSAGEIROS DO ALBERGUE DE S. CRESPIM E S. CRESPIANO, composta por José António Mendes Ribeiro, Simão Pinheiro Ribeiro Guimarães e Alfredo José de Souza Felix, que lhe publicaremos as contas.

A receita foi de 534\$50, a despeza de 269\$82, havendo portanto um saldo de 264\$68, que se encontra em deposito no BANCO DO MINHO, continuando a subscrição permanente para as obras do ALBERGUE.

Noticias locais

Doentes

Tem estado gravemente enfermo o sr. Francisco Raymundo de Sousa Guise.

Tambem se não encontra melhor dos seus padecimentos, o nosso amigo sr. Armando Nogueira, acreditado negociante d'esta praça.

Pedido de casamento

Pelo pro o negociante sr. Joaquim Pereira Mendes, foi pedida em casamento, para seu filho, o sr. Francisco Pereira Mendes, a mão da sr.ª D. Aida da Cruz, filha do nosso bom amigo e conterraneo sr. Abilio José Cruz.

Officina de S. José

N'esta officina vae agora introduzir-se um novo e importante melhoramento: uma officina de tipografia, com bom material.

Desde já se aceitam trabalhos, estando a parte artistica confiada a um competente.

Carteira

Regressou a Vieira o rev. José Carlos Alves Vieira.

— Acompanhado de sua esposa, esteve n'esta cidade o sr. Alfredo Ferreira, de Ribad'Ave.

Roubo importante

Pelo Ex.º Sr. Administrador do concelho de Guimarães, foi telegrafado á Policia de Braga para capturar o portador de um roubo importante praticado nesta cidade, ao negociante Sr. Leovigildo Rivêra, e que constava de lenços de seda, cachêns de lã, e ciales com barras de seda, na importancia de 4000\$00.

No dia 31 do mez findo foi o queixoso acompanhado de um agente de policia municipal de Guimarães, e descrevendo ao chefe Sr. Julio Brandão, a fórma como o roubo foi praticado ordenou aos agentes Ribeiro e Salustiano, para captarem o gatuno Joaquim da Silva Pereira o «Africano» pois que o aludido chefe Sr. Brandão, pela fórma que o roubo foi praticado, logo presumiu, que outro não poderia ter sido, pois que este gatuno, tem por costume servir-se de uma pedra para partir o vidro da bandeira de um estabelecimento, e de preferencia aquelles que tem toldo, para subir pelo ferro que segura este, introduzindo-se pelo vidro que acaba de partir com outra pedra que leva no bolso, e uma vez dentro do estabelecimento, rouba o que pôde, e sae por uma das portas que abre pela parte interior.

Tem este gatuno tambem o cuidado de ficar de atalafia, na occasião em que fecham os estabelecimentos, que tem em vista roubar, de verificar se no mesmo não fica pessoa alguma, e assim a altas horas da noite praticar os crimes.

O gatuno após o crime, vendeu o roubo a diversas pessoas, por quantias muito insignificantes, e deixou objectos em algumas tabernas a troco de comida, estando apreendidos n'esta Policia objectos na importancia de 3500\$00 faltando o restante que se procura descobrir o seu paradeiro.

O queixoso já reconheceu os objectos apreendidos, e ficou de remeter ao Commissario de Policia, uma nota exata dos objectos furtados.

O gatuno deve ser enviado para Administração do concelho de Guimarães, logo que as investigações estejam concluidas.

Exequias

Sufragando a alma do saudoso Pontifice Bento XV, celebrar-se-hão na igreja de Nossa Senhora da Oliveira, no proximo dia 22, s. lenes exequias.

Constarão do «Officium Defunctorum», «Libera-me», e «Missa de Requiem».

Pronunciará a oração fúnebre o distincto orador sagrado, sr. P. Roriz.

Estas exequias realisam-se por iniciativa do clero do nosso arciprestado.

Conferencia

Ha grande entusiasmo pelo facto da vinda aqui do sr. dr. Trindade Coelho, que realisará a segunda conferencia na Sociedade Martins Sarmento.

E far-se-ha ouvir tambem nessa occasião (em março, ao que dizem) o magnifico Orfeon de Guimarães.

A gripe

Continua a grassar, mas já com menos intensidade, a «gripe». Regosijamo-nos.

Funeral

Esteve muito concorrido o funeral da sr.ª D. Maria J Leite: O templo regorgitava de amigos da luctosa e saudosa senhora. Os nossos pesames aos nossos amigos srs. Bento Leite e José Leite.

DEVOÇÃO A MARIA

(Um caso autentico)

Na crista da serra de Nogueira, açoitada pelos ventos e pelas chuvas, caida de neve durante muitos dias de inverno, ergue-se para o céu, numa ancia de altura, em mistica ascensão e por entre blocos de granito de fórmas caprichosas, um modesto mas amplo templo consagrado a Nossa Senhora das Neves, mais conhecida por Senhora da Serra.

Quem não conhece os logares mais frios da provincia transmontana não pode imaginar o que lá seja o inverno. Mas aquele que nasceu no meio dos seus gélos fica pensativo e triste ao recordar que a Mãe de Deus habita um dos sitios mais agrestes do nosso lindo Portugal.

No seu isolamento, todavia, Ela, a Rainha dos Afflicto, bem sabe que a gente rustica e bondosa das serranias necessita dos seus favores e das suas bençãos, pois vai, frequentemente, em longa e extenuante jornada até ao seu altar, prestar-Lhe um culto são, ingenuo e arreigado.

No transporte da minha fé, eu contemplo, deste pequeno rincão minhoto tão privilegiado de enlêvos, o trasmontano simples e bom, com a fronte tiznada pelas intempéries, calcando, através das montanhas, urze e tójo branco, galgando penhas para chegar aos pés da Virgem, de cujo coração manam caudais de graças e consolações sem fim.

Foi para falar duma das Suas mercês celestes que eu, mulher humilde, resolvi escrever estas linhas sem arte. Divulgando um facto bem revelador da protecção de Maria, contribuirei, sem duvida, para a Sua maior exaltação e para que os que me lêem revigorem a confiança nos poderes infinitos que Deus confiou a Sua Mãe Santissima.

No ano de 1915, parte para Moçambique um jovem soldado, afim de se incorporar na companhia expedicionaria indigena, cumprindo assim o sagrado dever de defender a sua Patria — Patria que já foi de heróis e de santos, — sem um unico queixume ou desfalecimento, como todo aquele que sabe ser portuquez de lei. Um dia, — um dia tragico de combate renhido e sangrento — a sorte

das armas inclina-se para as hostes alemãs.

O tiroteio é cada vez mais intenso... os ódios cevam-se cada vez com mais ferocidade... a morte estende já as suas ásas sombrias sobre os nossos!

Os negros defendendo-se como leões, tombam tambem inânimes, no solo adusto da sua terra.

Dos brancos, existe apenas aquele de quem falo, com uma bala num pé, deitado sobre a areia tinta de sangue derramado pelos seus companheiros de três annos de sacrificio.

Ao clarão da metralha, a fé antiga volta e afaga a alma angustiada e, mais sincera do que nunca, eleva-se até ao alto da serra de Nogueira — tão distantel... E, numa explosão de creença e desespero, o pobre soldado exclama: — «Só Vós me podeis valer, Senhora da Serra! Ainda não cumpri uma promessa dos tempos de estudante... Mas livrai-me hoje da morte, porque eu prometo, quando voltar á minha Patria, ir immediatamente depor a Vossos pés o testemunho da minha enorme gratidão!»

Tudo silencio... apenas o sibilar dos projéteis inimigos que alvejam a cabeça do referido mancebo. Um entra no boné, leva cabêlo, faz sangue que fica coagulado no fôrro, para melhor prova do risco imminente. Por ultimo, cessa o tiroteio... está salvo! Livrou-o duma morte certa a intervenção de Maria.

Volta mais tarde a Portugal, e então lá vai até junto da Mãe de Misericordia, no cumprimento do seu voto, como tantas vezes fizera em criança, na companhia de quem lhe dera o ser, quando os seus lábios ainda mal sabiam orar...

E eu que creio, tambem, que ele foi salvo miraculosamente, ergo as mãos; e de lágrimas nos olhos, comovido, exclamo, como na formosa oração francesa: — «Ma Mère, c'est a vous la Mère de mon Dieu que je rends mes humbles hommages aujourd'hui!».

28 - 1 - 922.

Maria de Lourdes.

Comarca de Guimarães

ANUNCIO

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

Correm no inventario orfanologico a que se procede por obito de Manoel Rodrigues Pereira, casado, morador que foi na freguezia de S. Claudio do Barco, d'esta comarca, a citar os interessados Joaquim Rodrigues Pereira, casado com Maria Alice, e Francisco Rodrigues Pereira, ignorando-se o seu estado, todos ausentes em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, para assistirem, querendo, a todos os termos até final do dito inventario, sem prejuizo do seu andamento.

Guimarães, 12 de Janeiro, de 1922.

Verifiquei:
O Juiz de Direito,
Amadeu Gonçalves Guimarães
O escrivão de 6.º officio,
Agostinho da Costa Oliveira Bastos.

A Igreja Romanica de S. Pedro de Rubiães

(Concelho de Paredes de Coura)

Com a devida venia, transcrevemos da «Epoca», brilhante diário da capital:

E' o concelho de Paredes de Coura denominado, e com razão, o celeiro do Minho pela fecundidade uberrima dos seus campos, em balcões pitorescos recinados pelas encostas, que os giestas alinhados acompanham e fertilizam; sanatorio admiravel e ainda, sem duvida, por situado a grande altitude num planalto varrido do vento norte e abastecido de aguas abundantes e sem rival.

Não escasseiam, aqui, vesti-

co a parecer-nos de descarga, a esquivar-se a uma inspecção minuciosa, protegendo um outro simulado de madeira, banal e mesquinho, escusado será dizê-lo; das portas lateraes duas foram tapadas de cantaria; e das frestas a maior parte convertidas em janelas, etc.

Mas há mais: O proprio transepto não foi incluído, no plano primitivo da igreja, vendo-nos tentados a assignalalhe os fins do seculo XIII. E não a enturramos ao de leve a asserção:

E' ver a notavel disparidade entre a porta que se abre na



S. Pedro de Rubiães — Capela-mór (exterior).

gãos dispersos de civilizações de há muito extinctas, as quaes a mão do tempo não conseguiu de todo apagar. Ora, d'entre as vinte e uma freguezias de que se compõe o concelho, é a de Rubiães a mais rica destes monumentos archeologicos, como sejam, para não falarmos nos *castros*, as *antas* as *aras funerarias* nada menos de sete *miliários* (1); uma *ponte romana* (2), e uma igreja paroquial romanica, dos fins do seculo XII, bem interessante, apesar de todas as sevicias inherentes ao desgaste de tantos seculos, e, peor ainda, ás incôncientes reformas das más épocas artisticas, que a macularam quefate.

E' por isso que da fachada só o portico escapou, sabe Deus como, pois o resto, para cima, é de construção relativamente moderna — do seculo XVIII — além da torre dos sinos, de data ainda mais recente. Não se limitaram, porém, a isto as transformações.

Destrevoendo a igreja a planta de cruz latina de minguidos braços, a absyde, de cabeceira plana, não apresenta signaes, sequer, das arcaturas, porventu-

nicos hespanhoes e mais ainda nos francezes; a interrupção imprevista, ao direito do transepto, da especie de estilobato que interiormente percorre os muros da nave, (4); e, no exterior, o modo como estão adaptados aos resaltes angulares do mencionado transepto os silhares e os modelhões. Ha, todavia, aqui, no modo como se lançou este acrescimo, um parentesco, proximo com a parte mais antiga, que ele não repudia, sentindo-se, para assim dizermos, bem á vontade, com a identidade de processos constructivos.

E eis que, sem mais, parecemos ter dito o suficiente a formar-se uma ideia ajustada da estrutura da Igreja.

Analysemos agora a parte ornamental:

O portico principal, compõe-se de tres archivoltas torcicas, algum tanto peraltadas, de volta perfeita, reentrantes e em planos successivos, contornada a primeira por um quarto de bocel enxaquetado, assentes sobre impostas corridas, a servir de abaco a tres pares de columnas de capiteis floridos — os extremos e inspirados na fauna — os do meio, a cujos fustes estão adossadas duas grandes estatuas (S. Pedro e S. Paulo).

Infelizmente, não faltam ao lindo portico feridas, assaz profundas que não pouco a ensombream na bela apparencia d'outro-ra: A estatua da esquerda desapareceu com o fuste; e o tympano, desbastado inferiormente, recebeu um dintel deslocado, um pouco acima das impostas, no qual se inscreveu, em caracteres improprios, a era apocripa de MCCVC.

Esta de ver que esta modificação visava o alteamento da porta; mas, então, porque não se preferiu restituir, o terreno ao primitivo nivelamento, o que teria a dupla vantagem de tornar mais elegante o portico e respeitar as bases das columnas, indigentemente quasi soterradas de todo?

Afora os motivos floricos da espaventosa cruz terminal, de braços eguaes rematados em flor de lis, da empena sobranceira á absyde; os capiteis do portico, os primeiros e ultimos de imitação corinthia abastardada, e os meaes inspirados na fauna; e os modelhões da absyde, dois dos quaes bastante realistas, a ornamentação que predomina n'esta Igreja é a geometrica, a desenvolver-se, como vimos, no contorno da primeira archivolta do portico principal, e nos fri-

soz exteriores da absyde — enxaquetados, de laçarias e, de bôtes em lozangos. E a isto se limita, se bem nos recordamos.

Quanto ás estatuas do portico, a ajuizar pelo que escapou, des de logo se vê que obedecem a um typo comum e uniforme. Entretanto, verifica-se o seguinte: é que da sua ingenua e desconcertante rudeza desprende-se um tal sentimento que é a mesma vida que julgamos surpreender na expressão, e, ao mesmo tempo que se mostram d'uma auctoridade magistral, conseguem fazer despertar uma sedução irrefrescivel, que nos comove, por mais que as julgemos imperfeitas e mal ageitadas.

São, por assim dizer, o começo d'um sonho e ao mesmo tempo

po um apelo dirigido á imaginação.

E' que os seus auctores, velhos mestres voluntaria e humildemente esquecidos, não obstante, quem sabe? o seu grande nome, não se arrogaram a auctoridade da sua obra, trabalhando para Deus, n'Elle fazendo consistir a gloria que lhes era propria, e isso lhes bastava.

Braga, 8 de Dezembro de 1921.
P. Manuel d'Aguiar Barreiros

O DEDO NA CHAGA

D'«Diário do Minho».

Este artigo, já annuciado ha dias, parece encomendado para começo de resposta ao Correio da Manhã, que despendeu ao publico, a nosso respeito, um misterio tremendo...

Não ha pessoa de bom senso que não diga que as discordias entre monarchicos e catholicos são a chaga do elemento conservador em Portugal. Mas por má compreensão das conveniencias ou por cobardia, ninguém se atreve a por o dedo nessa chaga. Vamos fazê-lo nós, que pela nossa posição privilegiada, entre os dois fogos do jacobinismo azul e branco, e do jacobinismo vermelho, nem respeitamos conveniencias secundarias, perante os direitos primarios e inadivels da causa da religião, nem nos sentimos atacados da deprimente cobardia dos que procuram occultar a verdade: A verdade exposta com serenidade e firmeza, é para nós como um escudo que nos defende dos ataques de todos os lados, relembrando-nos que precisamente a Escripura, falando dela e parecendo esquecer que o escudo ordinariamente cobre só de um lado, diz, a verdade te circundará com o seu escudo. Circundará — vamos, pois, com a verdade, escudados por ela, contra as furias dos demagogos verde-rubros e azues e brancos.

— Quem observar atentamente a massa dos monarchicos em Portugal, a menos de querer passar a si proprio um diploma de simplacheirão, não pode deixar de reconhecer nelle varias gradações. Procuremos ver quaes são as principaes e com quaes d'elas é a contenda a que chamamos a chaga do movimento conservador.

Ha, primeiramente, a massa ingenua do povo, esse povo que espoliado, esfaimado, sobrecarregado com tributos, canta e folga nas festas e romarias, e que em 1919 pejava as ruas aclamando a monarchia restaurada. E' a classe dos *ingenuos*, que desconhecendo as differenças theoreticas entre formas de governo; tém o sentimento obscuro, indefinido, mas vivaz ainda, da nacionalidade; que om monarchia nasceu e foi grande. Essa é uma classe respeitavel. Infelizmente, enquanto outras classes, que vamos ver, por varios motivos atizam a restauração da monarchia, essa classe vai diminuindo em numero e vivacidade, de sentimento monarchico, como veremos noutro artigo. Com esses nenhuma contenda existe, nem pode existir.

No fundo, o que nessa classe mantém viva a repulsa pela republica é a sua feição anti-catholica.

Ha outra classe, a dos sentimentos ilustrados, que vivem nos seus paços solarengos e nas suas casas, evocando os tempos gloriosos da nossa historia, assistindo consternados á conspurcação dessas glorias pelos desatinos e incompetencias dos ultimos anos. São, em geral, pessoas profundamente religiosas, e as que mais deploram, e não chegam a compreender até, as desavenças entre catholicos e monarchicos, repetindo, esses, em absoluta sinceridade que todos somos catholicos. Com esses tambem não é a contenda; esses merecem-nos todo o respeito, porque não são eles que levantam os conflitos.

Ha uma terceira classe que já nos merece menos respeito. E' a dos assustados. São negociantes com haveres adquiridos em muitos anos

de trabalho, capitalistas que vêm que por entre as luçias que dividem a nação conservadora vão medrando as correntes subversivas, que lhe põem em serio risco a propriedade. Esses são tão monarchicos, de convicção como nós somos mahometanos. Aspiram á monarchia, vendo nela uma sentinela aos seus cofres e propriedades. São a grande massa dos que viram em Sidonio essa sentinela e porisso conservam nos seus salões, em *pendant*, o retrato do Presidente vencedor de 5 de dezembro de 1918 ao lado do Rei vencido de 1910. Surgindo outro Sidonio, com uma republica que garantisse a ordem e a propriedade, deixariam arrefecer o fervor monarchico, fundado apenas no temor. Parte desses, por corteza de vistas, tambem se deixam embair pelos que no campo monarchico accusam os catholicos de atazar a restauração, só porque fora e acima dos partidos se organizam no Centro. São ainda respeitaveis, na medida em que os fracos e miopes merecem respeito.

Ha depois a classe dos pensantes e militantes. São aqueles que pensam, meditam, estudam, e compreendem que o problema portuguez não tem solução possível com as instituições para as quaes o paiz não estava preparado e que violentamente lhe impuseram em 1910. Desses uns estudam apenas, outros como os integralistas, e os militares passam do gabinete para a rua, quando lhe fazem crer que tudo está bem organizado e que uma luta armada consumirá a obra! São as victimas nobilissimas de todas as desgraçadas tentativas de verdadeiramente ter atrozado a restauração da monarchia, como ha pouco confessara o sr. Conselheiro Luiz de Magalhães rogando agora que *lhe não mexam*; são as victimas *disparatadas*, como ha pouco chamavam a Monsanto os *«Ecos de Guimarães»*. Esses, que sacrificam repouso, situações e a propria pelle, são respeitaveis, e tambem não são esses os que levantam conflitos com os catholicos, porque nesses, porisso mesmo que pensam e meditam, sabem que a restauração, nem se ataza porque os catholicos se unem para ter meia duzia de parlamentares exclusivamente seus, nem se adianta só porque ao Parlamento não meia duzia de chinfrineiros monarchicos. A republica, estão convencidos disso, (e assim é) só cairá pelas armas. Esses são tambem respeitaveis e para eles vae toda a admiração dos que vêm neste tempo, de egoismos e cobardias alquem, que se bate nas ruas por um ideal.

Chegamos á ultima classe, á classe que levanta os conflitos, á classe desprezível dos videlinhos, cauda comprometedora de todos os partidos. São os que em 1910 comiam e perderam a razão; são aqueles que na debandada que se deu á queda da monarchia, afogando a herança de que a republica não durasse, se separaram dos que foram engrassar os partidos da republica; e como o não fizeram por outro e estreme amor ás insituições caídas, mas por interesse pessoal e por medo, vendo durar a república a que já é tarde para adherir porque tambem já a vêem pouco menos que irremediavelmente perdida, ardem de impaciencia por verem a monarchia restaurada; esses, e os vaidosos que já se tálham baronias, condados e marquezados, governos civis e direcções geraes, esses sim, são os que rugem furiosos nas Arradas, nos cafés e nos jornaes onde numa ostentação

ridicula de desinteresse estão metendo os respectivos requerimentos para o futuro. Esses, porque não vêem, famintos como estão, senão o repasto immediato á restauração, não podem ver os que fóra das organizações monarchicas procuram effectuar nos governados a restauração verdadeira sem a qual a da forma do governo será esteril e talvez efemera, esses não podem ver os que querem meia duzia de deputados no Parlamento para reivindicar para a Igreja, desde já, as liberdades necessarias para a preservação das boas qualidades do povo portuguez, ou para a sua restauração se já estão perdidas.

Para esses é que vae todo o nosso desprezo. E' com esses, e só com esses, a contenda do Centro Catholico. O bom povo *ingenuo*, os *sensíveis*, os *assustados*, os *pensantes* e *militantes*, — esses todos são respeitaveis; e aparte um ou outro que por incultura ou pressão do ambiente parece estar contra nós, nenhum vê no Centro Catholico perigo algum para a causa monarchica.

Com a corda na garganta!

Toda a imprensa protestando contra a crise do papel provocada pela ganancia das fabricas

O «Seculo», transcreve o alvitre do «Diário do Minho»

No seu numero de ontem o «Seculo», continúa a ocupar-se da insustentavel situação criada á imprensa pela carestia do papel, devido á alta brusca dos preços feitos pela Companhia do Prado. Transcreve o que vae dizendo a imprensa sobre este assunto vital e tambem o alvitre do «Diário do Minho» para que se crie uma Cooperativa de produção de papel. Escreve o «Seculo»:

Abaixo transcrevemos esses protestos de alguns dos nossos colegas, cabendo-nos continuar aquilo que já ha dias dissemos: e tambem um contrato com casas estrangeiras fornecedoras de papel, que não o forneceria 10, 20, talvez, 30 centavos mais barato que o Prado se propo, fornecel-o... por enquanto. Pois, a manhã, ainda exigirá mais.

Logo que dispnhamos de papel, els usará ás ordens de todos os jornaes que nel o requisitem, com todas as facilidades de pagamento.

Isto, por agora. A seu tempo, ou antes, logo que isso seja materialmente possível, montaremos uma fabrica de papel, para o que tambem já estamos trabalhando. E as mesmas facilidades de preço e de pagamento serão facultadas a todos os jornaes. Mais ainda: identicas facilidades quanto aos trabalhos de impressão lhos proporcionaremos.

Pois que a luta com a Companhia do Prado está travada, iremos até ao fim. Se é facto que ela vae, por motivos que não pretendemos — pelo menos por agora — desoordinar, a acabar com a pequena imprensa, a quem aliás, o «Seculo» presta sempre o seu auxilio desinteressado, mais que nunca poderá contar com o «Seculo».

A «Opinião», diz dos jornaes:

Como Comtares aumentos de preço conseguido, embora quasi todos lutando com as maiores dificuldades, fazer face á verba exageradissima que são forçados a despendem em papel. Mas, como tudo tem um limite... e agora parece não pensar assim a Companhia do Prado? Não seja possível aumentar ainda mais o custo de venda e publicação dos jornaes, a crise que este atravessam abrirá por determinar o facto a que nos referimos, se de qualquer parte não vier remedio.

Os governos tem se mostrado indifferentes ás supplicas e reclamações que lhes tem sido dirigidas para que procurem, pela sua intervenção e da medida do possível, acudir a uma situação que de dia para dia se vai tornando mais intoleravel.

Por outro lado, as empresas jornalisticas tambem não tem cuidado do assunto com o interessa que els devia ter, e heis e a sombra desta apatia geral, a Companhia do Prado não hesse de aumentar o preço do papel, parece que regojando se de ver os jornaes, como se costuma dizer, com a corda na garganta.

Mais queremos transcrever, para que o publico saiba que se lhe fornecemos poucas paginas e em mau papel é porque o fabrico portuguez dá isto ganancia desmarcada e mercadoria ordinaria! Temos papel para um mês: urge tomar providencias immediatas e breve diremos quaes e como, pelo que nos toca. E' preciso responder aos espectadores que nos querem apertar a corda na garganta, arruinando-os!

RIMAS E MIRAS

Sente-se a gana ratona,
já que tanto se idolatra
O senhor odontolatra
De mudando o nome a zona
Dar-lhe um pontapé... na alcata.

MINHO GRAFICO

ASSEMBLEIA GERAL
Para dar cumprimento ao disposto no artigo 15 paragrafo I do Estatuto, convido os srs. acionistas a reunirem-se em Assembleia Geral, no edificio da Juventude Gatalica, na Praça Municipal, n.º 20 no dia 24 do corrente mez pelas 2 horas da tarde.

Braga, 8 de fevereiro de 1922.

O presidente da Assembleia Geral
Antonio Joaquim Mourão

Que o tal fulano é dentista?
Que o tal fulano é dentista?